

**Corpo . Estética . Loucura**



# A restituição do corpo na *Teoria estética*

Douglas Garcia Alves Júnior<sup>1</sup>

Adorno possui um procedimento recorrente que é o de tratar questões epistemológicas e morais em excursos estéticos, e o de tratar questões estéticas em excursos dialéticos sobre a irracionalidade da razão. Meu objetivo é o de rastrear as implicações filosóficas da temática da expressão do sofrimento na *Teoria Estética*. Desse modo, pretendo articular a hipótese de que o reconhecimento da não-identidade do corpo é a experiência fundamental da filosofia de Adorno. Isto implica uma concepção expressiva de razão e uma estética anti-subjetiva. Recorrerei ao comentário da obra *Resumo de Ana*, de Modesto Carone, para tentar explicitar essas implicações do pensamento de Adorno.

## **Expressão do sofrimento como tema fundamental da *Teoria Estética***

O que Adorno entende por expressão do sofrimento? A ideia aparece diversas vezes na *Teoria Estética*, mas também na *Dialética Negativa*. Em ambas as obras, trata-se de uma tentativa de resgatar a dignidade do sensível para o pensamento filosófico. Esse resgate é buscado em termos do reconhecimento de uma não-coincidência entre o conceito e aquilo que é visado por ele, por um lado, e no esforço de construir um modelo para a compreensão da atividade filosófica e da experiência estética, por outro. Desse modo, a expressão do sofrimento aparece, na *Dialética Negativa*, como o esforço do pensamento em registrar, através dos conceitos, o que não se deixa captar conceitualmente. A filosofia aparece, nessa perspectiva, como uma atividade propriamente *expressiva*: trata-se da tentativa de manifestar que razão e sujeito são constituídos por uma *materialidade não-representável*. Isso parece colocar um problema: como se pode *expressar* algo que não pode ser *representado*? A solução adorniana é nada menos do que a marca distintiva de seu pensamento. Por não possuir inteiramente nenhum de seus objetos, a filosofia deve renunciar à concepção de verdade fundamentada na ideia de uma representabilidade plena do real, em prol de uma noção de verdade segundo a qual o real é aquilo que o pensamento deixa fora de seus conceitos. É por isso que a metafísica, em Adorno, só é possível na reflexão da opacidade da esfera material, do sofrimento físico, do impulso, como momentos constituintes da subjetividade e do pensamento. Há o projeto de uma *dialética negativa*, assim, somente quando se reconhece a *ilegibilidade* fundamental do mundo ao sujeito.

Mas é aí que se torna perfeitamente plausível perguntar: por que, segundo Adorno, o caráter expressivo da razão se daria no confronto com o *sofrimento*? A resposta a essa questão é articulada na *Teoria Estética*. Trata-se, acima de tudo, de pensar a razão como a experiência de uma *contradição objetiva*: a consciência é como uma espécie de precipitado

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professor da Universidade Federal de Ouro Preto.

da dominação da natureza no sujeito – e ela só é possível no fracasso dessa mesma dominação, na persistência de uma esfera de natureza não-organizada, de materialidade não racionalizada na constituição do sujeito. Nesse sentido, a *Teoria Estética* fará da expressão do sofrimento a idéia regulativa do artístico. De acordo com essa perspectiva, o artístico dar-se-ia como expressão de uma *verdade além da intenção*, além do centro organizador do sujeito da representação. E é o sofrimento esse índice de não-intencionalidade, que cabe à arte (e à filosofia) recuperar para a razão. Uma vez que Adorno não fornece uma definição para essa “expressão do sofrimento”, só é possível reconstituir o seu sentido de maneira indireta, por meio da articulação da idéia de expressão com a de não-intencionalidade, na *Teoria Estética*.

Se o sofrimento é o índice da natureza dominada no sujeito, a expressão estética é pensada por Adorno como expressão de algo objetivo, que resiste à dominação. A não-identidade da natureza com o seu conceito e seu uso é registrada, na filosofia de Adorno, como *belo natural*, “o vestígio do não-idêntico nas coisas, sob o sortilégio da identidade universal”<sup>2</sup>. Com a noção de belo natural, Adorno pretende articular uma expressividade da razão, capaz de, ao invés de representar a redutibilidade da natureza aos esquemas da autoconservação, trazer à expressão a objetividade irreduzível presente no sujeito e na razão, como sofrimento, como natureza dominada.

Acontece que Adorno está consciente de que cria uma aporia com a idéia de expressão do sofrimento: se esse é irrepresentável, como a arte e a filosofia podem lidar com ele? A expressão do sofrimento não teria lugar meramente nos grunhidos do animal torturado? Um grito de dor ou um gesto do braço apertando o lugar dolorido não representam nada, mas *expressam* aquilo que eles são como performance: o ato de tentar liberar uma passagem para o sofrimento, fazendo com que ele termine. Como Adorno pretende trazer essa dimensão performativa da expressão do sofrimento para o interior da filosofia, que lida com conceitos, e da arte, que lida com configurações sensíveis estruturadas subjetivamente?

Esse problema, na verdade, remete ao pronunciamento de Adorno, de que “escrever um poema após Auschwitz é um ato bárbaro, e isso corrói até mesmo o conhecimento de por que hoje se tornou impossível escrever poemas”.<sup>3</sup> A questão, aqui, é a da *possibilidade* da expressão do sofrimento, num estágio histórico que tornou problemática toda relação da consciência com um além-do-existente. É possível pensar que escrever poemas, *ainda*, seria um “ato bárbaro” em sentido *positivo*, de rompimento da “civilizada” relação com a história e com o sofrimento. Pois, “se hoje se tornou impossível escrever poemas”, isso se deve à tendência da cultura mediatizada pela indústria em converter todo sofrimento em sentido “útil” e toda natureza em “matéria” para a autoconservação. Ítalo Calvino assinala algo desse estado de coisas, por ocasião de uma viagem aos Estados Unidos, em 1959:

O capitalismo envolve e permeia tudo, a antítese a isso é uma esquelética e infantil reivindicação espiritual, sem di-retriz nem perspectiva; à diferença da sociedade soviética, em que a unidade totalitária da sociedade é toda baseada sobre a consciência permanente do adversário, da antítese,

<sup>2</sup> “Das Naturschöne ist die Spur des Nichtidentischen an den Dingen im Bann universaler Identität”. ADORNO. *Ästhetische Theorie*, p. 114.

<sup>3</sup> ADORNO. *Crítica cultural e sociedade*, p. 26.

ao contrário estamos numa estrutura totalitária de tipo medieval, baseada no fato de que não existe nenhuma antítese ou consciência de uma possível antítese a não ser como evasão individualista.<sup>4</sup>

Talvez isso permita traçar os termos do problema: se não há a perspectiva de algo não-idêntico às tendências dominantes na sociedade, todo sofrimento é recoberto de sentido, toda filosofia se torna jogo estéril, e toda arte, entretenimento. Não pode haver expressão do sofrimento porque já existe, de modo onipresente, um tipo de representação do sofrimento automaticamente subsumido ao imperativo social da “felicidade” no consumo.

Arrancar uma obra de arte deste horizonte de imanência radical sem alteridade torna-se algo intrinsecamente problemático, como Drummond *exprime* bem em seu “A flor e a náusea”<sup>5</sup> – na verdade, um representante dessa poesia pós-Auschwitz, que busca a expressão do sofrimento encoberto pelas formas sociais do sentido. Torna-se possível compreender, assim, que a expressão do sofrimento, na perspectiva de Adorno, é a tentativa da arte (e da filosofia) de registrar num gesto a falta de sentido, a não-identidade da natureza no sujeito. A *Teoria Estética* articula essa busca em termos de *dissonância* e *não-intencionalidade* da obra de arte autêntica. Na seqüência do texto, tentarei explicitá-la em *Resumo de Ana*, de Modesto Carone.

## Uma estética anti-subjetiva

A matéria das novelas *Resumo de Ana* e *Ciro* são as histórias de vida de familiares do narrador, de sua avó materna e de seu tio. Sendo a narrativa uma forma clássica de transmissão de saber, de recolhimento do sentido do passado no presente, as novelas de Carone poderiam ter optado pela via da *formação* do sujeito, pela qual o narrador torna-se capaz de compreender os laços históricos e afetivos que unem seu destino ao de seus parentes. Se o tivesse feito, ele teria *representado* o sofrimento narrado como vicissitude redimida na interioridade do sujeito da narração, na ordenação em sentido de seus materiais.

Mas não é bem isso o que Carone fez. O passado reencontrado, aqui, não dá margem à reconciliação alguma. A narrativa é mais uma reunião de fragmentos de experiência do que o desvelamento de um sentido da vida dos personagens evocados. É assim que os recursos narrativos são mobilizados com o objetivo de *articular um enigma*, de *trazer à expressão* o modo como as vidas de Ana (avó) e de *Ciro* (tio) permanecem distantes deles mesmos e dos que com eles conviveram. Lázinha, filha de Ana, ao restituir pedaços da vida da mãe ao seu filho-narrador, detém-se em várias partes do relato, junta eventos temporalmente afastados, e parece ter muita dificuldade em compreender o que foi a vida de Ana. Numa outra passagem, o narrador conta de uma conversa com o tio *Ciro*, já na fase final de sua vida, sobre a revolta liberal de 1842, na qual este toma consciência de que desconhece a história do único lugar em que vivera. O próprio narrador parece não possuir recursos de compreensão privilegiados, ainda que seja neto de Ana e sobrinho de *Ciro*, para encontrar a chave dos seus destinos.

<sup>4</sup> CALVINO. *A visão mais espetacular da terra*, p. 8.

<sup>5</sup> Refiro-me especialmente ao trabalho formal drummondiano de prospecção de uma alteridade radical, representada pela flor “feia” e “desbotada” que rompe “o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” de um cotidiano dominado pelo sentido do universo da mercadoria – trabalho que questiona, na fatura, a sua própria condição de possibilidade. Renuncio a um comentário mais detido do poema, o que demandaria todo um artigo. Cf. ANDRADE. *A rosa do povo*, p. 78 *et seq.* Remeto o leitor às notáveis análises de Davi Arriguci Jr., em seu livro *Coração Partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond.

O que as narrativas expressam, em suma, é a tentativa de fixar uma imagem daqueles personagens que mostrasse a sua *dignidade*, isto é, a sua unicidade, registrada nos sofrimentos do corpo e nas rupturas de seus desejos de felicidade. De fato, trata-se de histórias de vida que, em comum, possuem o destino do padecimento do corpo no trabalho contínuo, e do entristecimento nos ressentimentos familiares. Além disso, um desejo de felicidade que transparece, por exemplo, na curiosidade precoce de Ana, que a faz deixar Sorocaba por São Paulo, bem como nos planos de Ciro para o futuro de suas filhas. O sofrimento contido nessas histórias advém, além disso, da consciência de uma impossibilidade de resgatar o sofrimento passado. Por outro lado, ele traça a figura da felicidade como a do momento rebelde à representação e que não é capaz de comunicar nenhuma intenção do sujeito, sendo, ao contrário, um momento de dissonância entre o vivido e a lembrança. Carone articula narrativamente esse momento, com extrema economia, na passagem da morte de Ciro. Na melancolia de seus últimos dias, provocada pelo ressentimento das filhas em relação aos seus sonhos de grandeza, Ciro continua o seu pequeno comércio clandestino de bebida, e, ao sentir a proximidade da morte, chora durante a caminhada ao alambique, talvez lembrando o choro provocado pelas cansativas caminhadas sob o sol com o pai, caixeiro viajante, quando era adolescente. O narrador não indica diretamente esse paralelo, mas ele é possibilitado pela matéria da narrativa:

...ele desceu no ponto próximo à destilaria clandestina. Espantou-se com a leveza das pernas nas picadas do mato e ao respirar o cheiro das magnólias e das bolas de mamona que estouravam no calor foi sacudido por um choro convulsivo, que saía sem causa visível e era doce e tenaz. Avistou a meia distância o lugar da casa arruinada de Baltazar Fernandes e teve de parar antes de pôr o pé na tábua estreita que dava acesso ao outro lado de um regato. O sol produzia lâminas de luz sob suas botas de borracha e ele recebia aquele instante como uma espécie de trégua. Assistiu à passagem de tudo o que tinha vivido e só soube o que aquilo representava quando, no início da tarde, esteve com Anita pela última vez.<sup>6</sup>

Seria um choro de felicidade? Sim, a julgar pela declaração de amor à mulher, antes de morrer. A felicidade aparece, assim, não como o significado que abarca a totalidade de uma vida, mas como o momento em que o corpo – paradoxalmente num momento de extrema dissonância, de sofrimento – permite uma pequena liberdade do espírito em relação à morte e ao passado irrecuperável. Desse passado, que é dor para Ana, e melancolia para Ciro, o enigma surge: como é possível que tenha havido felicidade, e que ela tenha sido perdida? A mais metafísica das formulações de Adorno sobre a obra de arte é a de que ela seria uma “promessa de felicidade que se quebra”<sup>7</sup>. Trata-se de uma afirmação curiosa, pois permite apreender a expressão do sofrimento como movimento pelo qual o *desejo* se articula e é, ao mesmo tempo, negado. A obra de Carone registra esse movimento na medida em que, a partir de uma posição não-soberana do narrador, recusa-se a morali-

<sup>6</sup> CARONE. *Resumo de Ana*, p. 111.

<sup>7</sup> “Kunst ist das Versprechen des Glücks, das gebrochen wird”. ADORNO. *Ästhetische Theorie*, p. 205.

zar o sofrimento de seus personagens, dotando-os de significado social exemplar ou de uma verdade mística. Ao dar prioridade para o corpo sem voz de Ana e de Ciro, ele expressa, ao mesmo tempo, a ilegibilidade do mundo social, mimetizado nas transições abruptas e na recusa de “explicações” presentes na obra. O momento de expressão de *Resumo de Ana* se dá na sua articulação de uma verdade não-intencional da história daqueles personagens, para além da psicologia ou da tese sociológica. A verdade do choro de Ciro e a do alcoolismo de Ana.

## O corpo da verdade

“A filosofia deve renunciar ao consolo de que a verdade não possa ser perdida”<sup>8</sup>, Adorno escreve na *Dialética Negativa*. Seria uma saída mística? Uma renúncia a dizer o que não pode ser dito, como Wittgenstein<sup>9</sup> põe a questão? Na verdade, o tema da expressão do sofrimento converge com a questão do *estatuto da filosofia e da razão*, no pensamento de Adorno. Se a *Teoria Estética* e a *Dialética Negativa* são inteiramente destituídas de misticismo, elas devem fornecer algum tipo de resposta para o problema da irrepresentabilidade do sofrimento. Diante dessa dificuldade, como sustentar a legitimidade da arte e da filosofia?

Se a verdade pode ser perdida, a filosofia só pode ser o movimento de reflexão dessa perda, uma tentativa de entender a distância entre os conceitos e o que eles deixam perdido. Não se trata, na perspectiva materialista da *Dialética Negativa*, de uma mística do indizível, mas de um trabalho *estético* do conceito, o que Adorno articula em termos de *constelações expressivas*. Ao invés de estruturas hierárquicas de conceitos, que recortam o que há de mais genérico nas coisas, uma dialética negativa *estética* propõe arranjos conceituais dinâmicos e auto-corretivos, que se abrem ao movimento das determinações do objeto. Se o sistema privilegia a coerência do pensamento, a filosofia micrológica de Adorno tenta privilegiar a “coerência do não-idêntico”<sup>10</sup>.

Ora, o sofrimento tem um papel muito importante aqui, pois ele é a marca da não-identidade das coisas com o pensamento, como dor, como desorganização do sentido. O que é assinalado também por Lévinas:

Mas, neste próprio ‘conteúdo’, ele é um apesar-da-consciência, o inassumível... um ‘excesso’, um ‘demais’ que se inscreve num conteúdo sensorial, penetra como sofrimento nas dimensões do sentido que aí parecem abrir-se ou enxertar-se. Como se ao ‘eu penso’ kantiano, capaz de reunir em ordem e convergir em sentido, sob suas formas a priori, os dados mais heterogêneos e disparatados, o sofrimento não fosse somente um *dado* refratário à síntese, mas a *maneira* pela qual a recusa, oposta à reunião de dados em conjunto significativo, se lhe opõe; a dor é, ao mesmo tempo, o que desordena a ordem e o próprio desordenamento... Uma modalidade. Ambigüidade categorial de qualidade e de modalidade. Negação e recusa de sentido, impondo-se como qualidade sensível.<sup>11</sup>

<sup>8</sup> “Auf die Tröstung, Wahrheit sei unverlierbar, hat Philosophie zu verzichten”. ADORNO. *Negative Dialektik*, p. 45.

<sup>9</sup> “Sobre aquilo de que não se pode falar, deve-se calar”. WITTGENSTEIN. *Tractatus Logico-Philosophicus*, p. 281.

<sup>10</sup> “Die Konzeption des Systems erinnert, in verkehrter Gestalt, an die Kohärenz des Nichtidentischen, die durch die deduktive Systematik gerade verletzt wird” (grifo meu – DGJ). ADORNO, *op. cit.*, p. 36.

Essa não-identidade fundamental do sofrimento, segundo Adorno, implica uma recusa em doar sentido moral à dor a partir de uma estrutura transcendental, isto é, em “moralizar” o sensível. De modo diverso, Adorno permite pensar uma “estetização” da moral, na medida em que indica o imbricamento e a dependência da razão em relação à materialidade do corpo<sup>12</sup>. A *Dialética Negativa*, nessa perspectiva, é a tentativa de constituir uma “teoria estética”, a partir do reconhecimento da materialidade da razão e da indissolubilidade do não-idêntico do corpo e do sofrer ao pensamento. O estatuto da filosofia, enfim, é aproximado ao da arte, uma vez que a necessidade de ontologia é descartada, em proveito da *experiência* do pensamento, a qual é, antes de tudo, uma experiência não-restringida *do corpo*. A teoria estética de Adorno, com sua restituição filosófica do corpo, mantém uma relação de proximidade, em seu impulso fundamental, com a filosofia de Nietzsche: ao indicar a prioridade do *movimento* do pensamento, em seu aspecto corpóreo e autocorretivo. A exigência de pensar contra si, o imperativo de pensamentos em marcha pertencem tanto à genealogia nietzschiana da razão como à dialética negativa. Pois a verdade, num horizonte filosófico sem ontologia, é o exercício da reflexão capaz de reconhecer que o pensamento não penetra em seus objetos<sup>13</sup>: algo que a arte e a experiência filosófica tentam recordar ao sujeito, a partir do corpo, ao qual não se dá *um* sentido, mas *com o qual* é expressado que não há sentido sem o corpo.

## Referências Bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. Ästhetische Theorie. In: *Gesammelte Schriften*. v. 7. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1972.
- \_\_\_\_\_. Negative Dialektik. In: *Gesammelte Schriften*. v. 6. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1977.
- \_\_\_\_\_. Crítica cultural e sociedade. In: *Prismas: crítica cultural e sociedade*. Tradução de Augustin Wernet e Jorge Mattos Brito de Almeida. São Paulo: Ática, 1998.
- ALVES JÚNIOR, Douglas Garcia. *Dialética da Vertigem: Adorno e a filosofia moral*. São Paulo: Escuta; Belo Horizonte: FCH/FUMEC, 2005.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. A rosa do povo. In: \_\_\_\_\_. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.
- ARRIGUCCI JR., Davi. *Coração Partido: uma análise da poesia reflexiva de Drummond*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- CALVINO, Italo. A visão mais espetacular da terra. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 27 jul. 2003. Caderno Mais!, p. 8.
- CARONE, Modesto. *Resumo de Ana*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LÉVINAS, Emmanuel. O sofrimento inútil. In: \_\_\_\_\_. *Entre nós: ensaios sobre a alteridade*. Petrópolis: Vozes, 1997.

<sup>11</sup> LÉVINAS. *O sofrimento inútil*, p. 128 et seq. A respeito da apropriação da questão do sofrimento pelo pensamento, cf. também o livro de Bertrand Vergely: *O sofrimento*.

<sup>12</sup> Desenvolvo esta idéia em minha tese de doutorado, publicada como *Dialética da vertigem: Adorno e a filosofia moral*, especialmente no capítulo 4, intitulado “Adorno e as determinações estéticas da experiência moral”.

<sup>13</sup> “Erkenntnis hat keinen ihrer Gegenstände ganz inne”. ADORNO. *Negative Dialektik*, p. 25.

VERGELY, Bertrand. *O sofrimento*. Bauru: EDUSC, 2000.

WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tractatus Logico-Philosophicus*.

Tradução, apresentação e ensaio introdutório de Luiz

Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: EDUSP, 1994.